Autor: João Amancio Pereira

O Crime de Fonte-Bôa

e a inocencia do guarda João Amancio

Impresso sob a responsabilidade da Associação do Pessoal de Segurança Publica do Estado do Amazonas.

Manaus, 23 de Agosto de 1957

Na Capital de Manaus,
Eu vivia satisfeito
No Bairro Santa Luzia
Gozava imenso conceito
Trabalhando na Policia
E tendo alguma perícia
Policiava a meu jeito

Era então o Diretor
Da nossa Corporação
O Sr. Carlos Leal
Homem nobre e de ação
Por quem fui designado
Para o Interior do Estado
Exercendo a minha função

A 28 de Setembro
Do ano cincoenta e seis
Foi a designação
Que não segui nesse mês
Mas então no dia vinte
E cinco do mès seguinte
De embarcar chegou a vêz

Despedi-me dos amigos
Com o coração contristado
Diziam; seu João não vá
Para o Interior do Estado
E inda mais pra Fonte-Bôa
A Cidade mais atôa
E de pôvo mais atrasado

Devido o meu proceder
Tinha então muitos amigos
Me pediam p'ra ficar
E lembravam alguns perigos
Porque o povo atrasado
De quem é civilisado
Faze-se então de inimigos

A 25 de Outubro
As 12 horas do dia
Da minha mulher e filha
Eu então me despedia
Levando a minha bagagem
Para fazer a viagem
Meio triste eu me sentia

No navio Tavares Bastos
A bagagem eu coloquei
Mas o navio adiou -
A saída e eu voltei
Devido a algumas demoras
Só as 22 horas
Novamente eu retornei

Recebi muitos abraços
De amigos e conhecidos
Dos compadres e comadres
E dos afilhados queridos
As queridas afilhadas
Os colegas e camaradas
Todos ficaram sentidos

Era enorme o vai e vem
Ali dentro do Vapor
Pois que para os tripulantes
Era tremendo o labor
Um sorria outro chorava
Outro p'ralí lamentava
Em deixar o seu amor

Ali minha companheira
Até então mui querida
Estava com minha filha
Para assistirem a partída
Minha filhinha estimada
Chorou comigo abraçada
Na hora da despedida

Houve a ordem, e quem não ía
Retirou-se do navio
Ao desatarem os cabos
No coração senti frio
O Barco alí de repente
Saíu vagarosamente
Singrando as aguas do rio

Depois do barco já ter
Do Cais alí se afastado
Fui me afastando da filha
Aquele ente estimado
Como quem vai para a guerra
Chorava então ela em terra
Eu soluçava embarcado

Então logo na primeira
Noite de minha viagem
Com uma digna mocinha
Fizera camaradagem
P'ra Fonte-Bôa ia aquela
Eu já conhecendo ela
Para mim era vantagem

O seu nome era Lucila
Mostrou ter bom proceder
Alguma cousa de lá
Começou a me dizer
Deu alguma referencia
Mas, disse, com a presença
E que o senhor vai saber

Me esquecera de Manaus
Logo no segundo dia
Com as pequnas de bordo
Alegre eu me divertia
Com graciosas lorotas
Interessantes anedotas
O povo todo sorria

Afinal a 31
Em Fonte-Bôa eu cheguei
Eram 22 horas
Quando eu desembarquei
Nessa mesma hora e dia
Eu para a Delegacia
Satisfeito caminhei

Eu junto com mais 2 guardas
Sem nenhum impedimento
Logo assumi o comando
Daquele Destacamento
Me apresentei ao Suplente
Que ficou muito contente
Dando-me agradecimento

Me apresentei ao Prefeito
E a outra Autoridade
Dentro de 15 minutos
Percorri toda cidade
Alí foi que conhecí
Pois foi a menor que ví
Durante essa minha idade

Para fazer-se uma idéia
Fonte-Bôa como é
Um só prédio não existe
Posso dizer que até -
O Fórum é n'uma casinha
De madeira e já velhinha
Eu digo firmo e dou fé

O mercado é um quiosque
Alem disso a Prefeitura
É uma casa de madeira
Porem não muito segura
Tem de tijôlo somente
Uma parêde na frente
E essa com pouca grossura

Nada presta em Fonte-Bôa
Eu vos falo com certeza
Apenas uma planicie
Que oferece a Natureza
E uma fonte somente
Aonde o banho é excelente
A agua é uma beleza

A Justiça em Fonte-Bôa
Resume-se no dinheiro
De algum comerciante
Que não seja brasileiro
E se brasileiro for
Precisa p'ra ter valor
Ser filho de extrangeiro

E onde se vê então
Caso bem extraordinário
Onde quem não sabe ler
Ocupa o Judiciário
Não tem poder o Prefeito
Suplente de Juiz de Direito
Não tem o curso primario

Contra a vontade eu fiquei
Na Cidade destacado
E por todos os habitantes
Fui grandemente acatado
Afinal me acostumei
Em poucos dias fiquei
Por todo povo estimado

O Delegado Geral
Não se achava presente
Era um tal de Batatinha
Um cachaceiro indecente
Eu não o conhecia então
O sargento beberrão
E julgava ser bôa gente

26 dias depois
É que o tal sargento vem
Chegou na Delegacia
E encontrou tudo bem
Quase cégo e de ouças surdas
Mais falso do que um Judas
Covarde como ninguem

Por mim foi bem recebido
Tambem muito me acatou
Fazendo-se um grande amigo
Em poucos dias mudou
Por eu não ter seu mau costume
Ele se encheu de ciume
E por isso me odiou

O povo me apreciava
Para mim era um prazer
Mulher nem p'ra ele olhava
Ficava a se aborrecer
Por ser ele enxiridão
Ninguem lhe dava atenção
Só faltava se morder

Cachaceiro habitual
Tipo de mau proceder
Individuo até ladrão
O que depois vim saber
Eu sendo honesto e honrado
De mim se fez entrigado
Por se vingar não poder

Alem dele chegou outro
De procedimento igual
Foi um tal Evandro Gomes
Um individuo imoral
Julgou-se alí necessário
Por ser amigo do Mario
Prefeito Municipal

O que digo desse Evandro
Ninguem dirá que não é
Um bom freguês da Policia
Na Cidade de Tefé
Que muito merece critica
Mas que devido a Política
Alguem diz merecer fé

Leitor aqui faço ponto
Não faço mais comentario
Vamos tratar doutro caso
Que esse é mais necessário
É a historia verdadeira
Da morte de Zé Ferreira
O supôsto milionário

Eu estava em Fonte-Bôa
Num dia de sexta-feira
Em uma festa pomposa
Naquela noite fagueira
Ainda hoje eu me lembro
Era 12 de Dezembro
O dia da Padroeira

As 4 da madrugada
Quando a festa terminou
Fu indo então me deitar
Nem bem o sono chegou
Por ter a pouco deitado
Quando sem ser esperado
Alguem a porta chamou

Respondi, o que é que há
Será caso de Polícia?
Me disse a voz que falou
Trago uma triste notícia
D'um crime que deu-se agora
Por isso venho a esta hora
A ocasião á propícia

Aquele que assim falava
Era um vereador
Por nome de Alonso Borges
E no Tupé morador
E ali logo exclareceu
Que onde morava se deu
Um crime que causa horror

Mataram José Ferreira
E o deixaram mutilado
Com uma mão decepada
E o outro braço cortado
Deram-lhe tão feia morte
Na cabeça um grande corte
Aberto o peito e sangrado

Ali em poucos momentos
A notícia se espalhou
E uma grande suspeita
O povo logo formou
Um pensava, o que seria?
Outro p'ra colá dizia
Foi Alonso quem Matou

Sim porque o tal Alonso
Na casa era hospedado
E diziam que com a mulher
Do morto era amasiado
E então dessa forma assim
Diziam que ele dar fim
Ao velho havia mandado

Afinal não se sabia
O criminoso quem era
Sabia-se ser um monstro
De um instinto de féra,
Logo uma diligência
Seguia com muita urgência
P'ra perseguir a pantéra

Fiz uma investigação
E deixei exclarecido
Que da família não tinha
Ninguem no crime envolvido
Eu como sendo mandado
Fui então designado
P'ra perseguir o bandido

Logo aí depois de pronto
Segui em perseguição
Tendo ali a meu favor
Gente, arma e munição
Estava assim tudo a jeito
Então eu fui satisfeito
Cumprir a minha missão

De prender o tal bandido
Eu saí esperançoso
Viajando dia e noite
Sem dormir nem ter repouso
Subindo ao Rio Japurá
Chegando ao Anati-Paraná
Alcancei o criminoso

Era aquele criminoso
Jesus Afonso Bernal
Com Sebastiana Borges
Formava um monstro casal
Para Fonte-Bôa os levei
Ao Delegado entreguei
Um outro genio do mal

De forma que ao ser morto
E depois disso roubado
esperavam o criminoso
Ter um dinheiro avultado
Pelo menos um milhão
Não acreditavam então
Naquele pouco encontrado

Segui noutra diligencia
Novamente esperançoso
De prender o tal Gonçalo
O suposto criminoso
Mas depois de viajar
6 dias, pude notar
Ser um casa mentiroso

Voltei para Fonte-Bôa
Exclarecendo a verdade
Não haver mais criminoso
Porque na realidade
O casal alí presente
Foram autores certamente
Daquela barbaridade

Então descobriu-se tudo
Ele o crime confessou
P'ra Capital de Manaus
O Delegado o mandou
Sendo eu quem foi levar
Aqui eu vou vos contar
O mal que a mim causou

A mulher ficara ali
Em ponto de sabotagem
Submeteram-na a suplicio
Quando eu estava de viageu
E obrigando-a então
Me fazer acusação
Para contar a vantagem

Pois queriam que a mulher
Apresentasse mais dinheiro
Saisse d'onde saisse
Porem que o verdadeiro
Era aparecer milhões
Assim as opiniões
Daqueles interesseiros

Estava a mulher sofrendo
Estava a lancha a descer
Diga que foi João Amaneio
E sáia deste sofrer
O Deleqado insinuava
A mulher que me acusava
Sem nada disso eu saber

Até que com as torturas
E a ordem do Delegado
Essa mulher confessou
Ter um dinheiro enterrado
Em uma garrafa no mato
E que eu sabia do fato
Pois que me havia dado

Aí libertaram ela
E me mandaram prender
Por meu proprio companheiro
Que não soube proceder
Sendo meu subordinado
Prendeu, levou-me humilhado
Dando aos algozes um prazer

Eu lhe disse não me prenda
Que sou seu superior
Disse ele eu trago ordem
Levo seja como for
Eu olhei p'ra todo lado
Só ví foi um grupo armado
Cada qual com mais rancor

Cercado de espingarda
Ví que estava em perígos
Perguntei; porque estou preso?
No meio de tantos amigos?...
Disse um a me olhar
Acho melhor se acalmar
P'ra receber seus castigos

O tal colega ordenou
P'ra mim ser acorrentado
Então perguntei a ele
Por que sou tão maltratado?
Ele aí me respondeu
Foi a ordem que deu
"Batatinha" o Delegado

Um tal Lucio Guimarães
Logo passou-me a corrente
Por ordem do meu colega
Que ordenou covardemente
Me passaram o cadeado
Sendo eu depois arrojado
Num porão horrivelmente

6 dias nessa viagem
Sofrendo horriveis torturas
Eu era então maltratado
Pelas mais vís creaturas
Eu nunca pensei que Deus
Fizesse um dos filhos seus
Sofrer tantas amarguras

Eu estava acorrentado
Fazia pena meus ais
Jogado em um monte de latas
Sem poder dormir jamais
Pois alem de acorrentado
Ainda estava amarrado
Com os braços para traz

Carapanãs e mutucas
Pousavam em mim e mordiam
Sem eu poder os tanger
De meu sangue eles se enchiam
Quando fartas já estavam
Do meu corpo despregavam
E calmamente saiam

Fazia o maior esforço
P'ra das pragas me livrar
Sentia grande aperreio
Que até chegava suar
Ali naquele extertor
Suava sem ter calor
E o corpo me arrepiava

Naquela situação
Imensamente eu sofria
Alonso p'ra me humilhar
Saibam ele o que faziam
Com o Evandro combinava
E em todo porto atracava
E para terra seguia

Quando voltava de terra
Para mais humilhação
Convidava muita gente
P'ra vir a embarcação
Olhava prá mim de nôvo
E gritava alto meu povo
È êste o maior ladrão

Dizia eu; Snr. Alonso
Eu estou caluniado
O tal Evandro dizia
É melhor ficar calado
Com um martelo que trazia
Na minha bôca batia
Ficando com o labio enchado

Eu protestava dizendo
Que era um funcionário
Alem disso autoridade
Não era então necessário
Ser assim tão maltratado
Preso amarrado humilhado
Por tão mandado arbitrario

Quanto a esse meu colega
Disse ser superior
Na idade e no saber
Na classe ele é sabedor
E alem de tudo isso
Sou no tempo de servico
Já vê que tenho mais valor

Certa vez eu disse a ele
Velhinho tome cuidado
Veja o que está fazendo
Pois és meu subordinado
Faça o serviço com arte
Ele correu foi dar parte
Que estava sendo ameaçado

Era assim meu sofrimento
Sem poder me defender
Eu dizia ser calunia
Que me fázia sofrer
Mas ninguem dava atenção
E eu naquele porão
Sofrendo sem merecer

Assim cheguei em Fonte-Bôa
A 4 de Fevereiro
Pois que tinha sido preso
A 28 de Janeiro
Fui entregue ao Delegado
Que estava embriagado
Pois era um grão cachaceiro

No porto de Fonte-Bôa
Quando eu desembarquei
A humilhação foi tanta
Que eu não me suicidei
Porque jeito eu não achava
Somente pro' chão mirava
Alí pr'a ninguem olhei

8 capangas seguiam
De espingarda na mão
Com uma grossa alpueira
Meus braços amarraram então
Nos pés pesada corrente
Assim seguia eu na frente
De toda população

Todo povo da cidade
Me acompanhou pr'a cadeia
Eu suava de aperreio
Naquela tremenda teia
Então mais me aperriava
Porque tudo me acusava
De uma ação muito feita

Presente ali todo povo
N'um xadrês fui colocado
Depois com 15 minutos
Do mesmo fui retirado
Tudo eu calado assistia
Me levaram a Delegacia
Para eu ser interrogado

Tambem estava a mulher
Naquela ocasião
O Delegado virou-se
Com uma faca na mão
Gritou bem alto mulher
Se o que disse não disser
Eu varo-lhe o coracão

A mulher amedrontada
Disse: Eu a ele entreguei
Uma garrafa de litro
Que antes disso enterrei
Lá na mata em uma grota
Etava cheia de nota
Se está com ele eu não sei

Diante essa acusação
Disse a mim o Delegado
Tú vás morrer João Amancio
Neste punhal traspassado
Diante essa traiçoeira
Fui arrastado da cadeira
P'ra ser na rua linxado

Foi em grande reboliço
Alí do povo presente
Contra quem matar queria
O pobre homem inocente
Depols de tudo acalmar
Eu pude então escapar
Por graças de Deus somente

Me trancaram no xadréz
E pegaram a me maltratar
A 7 de Fevereiro
Foram me supliciar
As 9 horas do dia
Começou minha agonia
Meu sofrimento sem par

As 9 horas do dia
Comaçou meu sofrimento
Amarrado pelos pés
Passando horrivel tormento
Em pé ali sem comer
Sem me sentar sem beber
Dizia; Oh Deus!... não aguento

O Delegado "Batatinha"
Junto com outro atrevido
Que era o tal Evandro Gomes
E eu para não ser batido
Por Deus ali suplicava
No chão tambem me ajoelhava
Beijando os pés do bandido

C'uma corrente no pé
Passada pelp telhado
Quer dizer por sobre um caibro
E esse sujeito malvado
Puxava com impeto imenso
Meu pé ficava suspenso
E eu quasi dependurado

Passei o primeiro dia
Todo nessa posição
De qnando em quando espancado
Sem ter alimentação
Amanheci sem dormir
Sem ao menos me bolir
Sofrendo grande aflição

Entrou o segundo dia
Tambem na mesma maneira
De quando em quando espancado
Pela féra carniceira
Nesse dia à meia noite
Eu sofri tamanho açoite
Vi chegar a derradeira

Assim 39 horas
Passei nessa posição
Sem dormir e sem falar
Sem ter al.mentação
Tinha assim que me conter
Sem ao menos me mexer
Sofrendo grande aflição

Eu dizia não me batam
Pois lembro que fui creado
Nem com um lenço batido
Fui por meu pai estimado
Porem nada disso influe
Pois barbaramente eu fui
Com um cassetete espancado

De 15 em 15 minutos
Eu era seviciado
O meu rosto em pouco tempo
Ficara tão deformado
Que ninguem me conhecia
Tamanha Selvageria
Eu nunca vi no passado

Depois de todo esse tempo
Sem comer e sem beber
Sem dormir sem me sentar
Sem falar sem me mexer
De quando em quando espancado
Eu cai inanimado
Não mais esperei viver

Diante esse sofrimento
Eles traziam então
A tal mulher criminosa
P'ra fazer-me acusação
Mil histórias mentirosas
Cada qual mais graciosa
Para maior humilhação.

O Delegado Batatinha
Com um tal de Aristeu
Conduziram a tal mulher
P'ra mais sofrimento meu
C'uma borracha na mão
Mandaram-a espancar-me então
6 borrachadas me deu

Rogava pedindo a Deus
Que Justiça me mandesse
Policia da Capital
Em meu socorro chegasse
Pois eles com experiencia
Provavam minha inocencia
Talvez que assim eu escapasse

Fiz promessa e lá chegou
O Comissário Poti
Um alivio uma esperança
Nesse momento eu senti
Porem foi tudo contrário
Nas mãos desse Comissário
Posso dizer que morri

Cinco dias sem comer
Por ordem dele eu passei
Acorrentado de ferro
Todo suplicio aguentei
Eu já quase morto então
Foi quando ele trouxe um pão
Com isso eu me alimentei

O Comissário Potí
Com 4 Investigadores
Entre eles um tal Naldo
Um dos meus espancadores
Pois nas mãos desse elemento
Passei o maior tormento
Sofrí horror dos horrores

Foi o outro um tal Ernandes
Um monstro sem conciencia
Que dizendo ser mandado
Me batía sem clemencia
P'ra estes *Papa-carciça*
Espeparei a Justiça
Eos homens ou da Providencia

Toda especie de torturas
Eles fizeram comigo
Me deitavam n' uma mêsa
E me aplicavam o castigo
Nessa tal mêsa deitado
Grandemente judiado
Com minha vida em perigo

Juntaram-se ao tal Evandro
E me levaram ao Cemitério
Então quase eu deixo a vida
Naquele lugar funerio
Pois de escapar tive sorte
Preparavam minha morte
Mas eu não sei o misterio

Nessa fase de tortura
P'ra completar a historia
Fui barbaramente espancado
Com pesada palmatoria
Feita para esse trabalho
Pelo Senhor Rui Carvalho
Que para ele era gloria

Então o tal "Batatinha"
O Delegado Poltrão
Reunia todo povo
E ali gritava então
Olhe meu povo bondoso
Esse é o maior criminoso
E tambem o maior ladrão

Chegou outra caravana
Que p'ra lá foi enviada
Pelo Delegado Bento
Era a mesma chefiada
Que p'raquela autoridade
A mulher disse a verdade
Ao ser por ele interrogada

Mas mesmo a mulher dizendo
Que não me entregou dinheiro
O Doutor pra fazer gosto
A um outro interesseiro
Mandou me supliciar
E em um porão me trancar
Tornando-se assim tão grosseiro

Pois 54 horas
Eu passei nesse porão
Por ordem do Delegado
Para dar satisfação
Aos meus perseguidores
Me impunha a esses horrores
Sem dó e sem compaixão

Procurou me por a culpa
Não poude e se retirou
Logo ao sair pra Manaus
Á Justiça me entregou
Essa aí foi só o que quiz
Fez de mim mais infeliz
E muito me sacrificou

O Suplente do Juiz
Que estava no poder
Era um leigo ignorante
Sem Lei alguma conhecer
Por causa dele eu sofrí
Era um prazer para si
Por ordem sua eu morrer

Alem de não conhecer Lei
Ele era um tipo venal
Que por vantagem de alguem
Procurou fazer-me o mal
Por sua mal consciência
Minha sublime existência
Quase chegou o final

Por ordem do tal Juiz
Passei 3 dias trancado
Despido de toda roupa
Com o Xadrêz todo tapado
Sem comer e sem beber
Pra no tal xadrêz morrer
Sem ser pelo povo olhado

Alí não via ninguem
E tambem ninguem me via
Não entrava uma só restia
Nessa maldita enxovia
Aí mesmo eu urinava
No chão dormia e defecava
E o mau cheiro ressendia

Assim 3 dias passei
Caminhando para a morte
Chorava por minha filha
Lamentando sua sorte
Eu já caido e sem alento
Trouxeram-me alimento
E me salvaram da morte

Todo povo da cidade
Ficou então revoltado
Com tal indignidade
Daquele Juiz togado
Elemento irresponsavel
De ação abominavel
Que sempre será odiado

Aqui eu devo lembrar
E ter sempre recordação
De quem lá me fêz o bem
E praticou bôa ação
Que fêz a caridade
Deus lhes dê felicidade
E no céu a salvação

D. Cosma e seu espôso
Snr. Francisco Apolinário
D. Raimunda Nogueira
Deus lhes dê o necessário
Felicidade e saude
E sua sublime virtude
Eu guardo em um relicario

Senhora D. Naíde
Que me fez algum favor
O senhor Miguel Dionisio
Que merece o meu louvor
D. Luiza Lisbôa
Que dentro de Fonte-Bôa
Tem criterio e tem valor

Senhora D. Waldomira
Que a Deus me recomendava
Lucila aquela mocinha
Que sempre me visitava
E quando ía me visitar
Tinha sempre que levar
Uma fruta e me entregar

Mas trago mais na lembrança
É d. Nenem Nogueira
Que muito chorou por mim
Como uma mãe verdadeira
De um coração delicado
Estava sempre ao meu cuidado
Como uma santa enfermeira

Foi assim que em Fonte-Bôa
Eu fui tão injustiçado
Mas hoje eu me acho livre
E breve verei castigado
A todo mau elemento
Que fez o meu sofrimento
Porque Deus lhes dá dobrado

Pois hoje varias pessôas
Têm pensamento aplumado
Que se existe mais dinheiro
Alguem tem ele guardado
E pra não haver prova forte
Preparam minha morte
Porem foi um plano errado

Porque depois que eu morresse
O bandido traiçoeiro
Dizia ao povo acabou-se
Pois o ladrão verdadeiro
Como não mais resistiu
Morreu e não descobriu
Aonde estava o dinheiro

Porem como vive alerta
A justiça da Divindade
Permitira que os homens
Que fazem justiça em verdade
Vendo eu tão injustiçado
Com um processo relachado
Dessem-me a liberdade

Assim por Deus permitido
Eu fui então libertado
O povo de Fonte-Bôa
Ficou mui regosijado
Isto é o povo humano
Quanto a quem for desumano
Seja de mim afastado

Eu saí de Fonte-Bôa
Retirei a certidão
Na Policia e no Cartorio
Louvaram então minha ação
Sem ter nota de ruindade
Deixando muita saudade
A toda população

Afinal cheio de alegria
Em nossa Manaus cheguei
Minha filhinha querida
Com muito gosto abracei
Livre de todos os perigos
Abracei os meus amigos
E os colegas que encontrei

Eu louvo ao presidente
Da nossa Sociedade
José Praxedes de Brito
Devido sua bondade
Por tanto que fez por mim
Lutou tanto até que em fim
Eu obtive a liberdade

Louvo mais a alguns amigos
E ao meu querido irmão
Louvo aos bons elementos
De nossa Corporação
Mas peço agui sem cobiça
Que os homens façam Justiça
A quem me fez ingratidão

Agora peço desculpas
Se o leitor não se agradou
Pois eu não pude escrever
Tudo quanto se passou
Mas nesta historia ligeira
João Amancio Pereira
Nada aqui acrescentou

ATENÇÃO

A venda na casa do Autor: Chácara S. João, Bairro de Sta. Luzia, Manaus-Amazonas, e na Associação do Pessoal de Segurança Publica anexo ao Quartel da Guarda Civil em Manaus.

Remetemos pelo Correio qualquer quantidade mediante pagamento adiantado cujo prêço previamente consultado por correspondencia com os endereços acima.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura